

POVO ALGARVIO

SEMÁNARIO REGIONALISTA

Redactor Principal
MANUEL VIRGÍNIO PIRES

Redacção e Administração
Rua Guilherme Gomes Fernandes, 20—TAVIRA

Director, Editor e Proprietario
Dr. JAIME BENTO DA SILVA

ASSINATURAS
Série de 12 Números 5\$00
Composição e Impressão
Tipografia Socorro—Vila Real de Santo António

NÃO SE RESTITUEM ORIGINAIS QUER SEJAM OU NÃO PUBLICADOS

As conclusões de duas mensagens

O Senhor General Carmo-na e o Eminentíssimo Cardeal Patriarca de Lisboa—representando o Estado e a Igreja—dirigiram à Nação, no dealbar do Ano Novo, duas notáveis mensagens de Paz.

Deixo a primeira embora me fosse sobremodo agradável comentar os seus nobres dizeres—e referir, com verdade e justiça, o que eles traduzem na hora angustiada que atravessamos. Não resisto a dizer-lhes, contudo, que o Estado Português expôs de novo o alto sentido cristão das suas doutrinas, mostrando ao mundo inteiro, que sempre serviu ao longo da sua história, os seus propósitos humanos e os seus pensamentos constructivos. Em vez de atear fogueiras e de anunciar conflitos Portugal afirmou pela boca autorizada do seu mais alto representante, que deseja colaborar ardentemente na obra de solidariedade internacional, servindo a Paz, o bem estar e a harmonia dos povos, os mais altos ideais da vida e a Civilização Cristã.

No momento intranquilo que atravessamos essas palavras foram bem, pois, a expressão nobilíssima da consciência que nos levou aos confins do Mundo e por toda a parte o afirmou, com extraordinária galhardia, o génio Português.

O mesmo se pode escrever e dizer da formosa mensagem do Senhor Dr. Manuel Gonçalves Cerejeira, que à grandeza de pensamento quiz reunir a elegancia da frase. Não é, porem, esse importante aspecto da sua oração que desejo focar agora. Mas a identidade de afirmações e de principios que relacionam e aproximam as duas Mensagens.

Por elas se vê mais uma vez que o Estado Novo para ser o que é—um Estado forte e autoritário—não teve necessidade de abrir desinteligencias e conflitos com a Igreja, sentindo e compreendendo que toda a sua história é obra do esforço conjugado dos seus homens de armas e dos seus santos. Empenhado no mesmo propósito civilizador e espiritualista, teve como primeiro dever não discutir Deus e a sua Igreja. Por isso se dedicou, desde começo, à recristinização do povo e dos costumes, colocando acima de tudo o Pri-

Vida Corporativa

A Direcção do Sindicato Nacional dos Operários da Construção Civil e Offícios Correlativos do Distrito de Faro com séde em Tavira, tendo conhecimento que varios agentes desafectos á Organização Corporativa do Estado Novo, aleivosamente teem incutido no espirito do empregado da Casa do Salva-vidas do Porto de Tavira, que os operarios sindicalizados neste Sindicato Nacional, são incompetentes nas suas aptidões profissionais.

A Direcção deste Sindicato Nacional desassombadamente e com altivez aceita a contra-prova, entre operários sindicalizados e não sindicalizados em qualquer dos ramos de actividade da Construção Civil e Offícios Correlativos.

A campanha caluniadora e insidiosa é feita por agentes dissolventes, que se escondem na sombra tenebrosa das vielas, por não serem possuidores de carácter nem hombridade para se desafrontarem com lealdade perante as victimas da sua obra nefasta e traçoieira. Por isso, servem-se da calunia e da insidia, patrocinado pelo anónimo para se librar das responsabilidades do seu procedimento ignobil.

Entre os agentes caluniadores, certamente haverá os transfugas deste Sindicato Nacional, que deixaram de cumprir com os seus deveres de operarios sindicalizados e receiosos de serem novamente inscritos por se julgarem preteridos pelo despacho de S. Ex.ª o Sr. Presidente do Conselho, de 17 de Setembro do ano findo.

Eis o motivo da sua obra destruidora contra a Organização Corporativa e seus componentes.

Poderíamos citar sem duvida de errar os nomes de alguns agentes e transfugas que teem caluniado e aviltado os operários sindicalizados neste Sindicato Nacional, porque alguns deles são reincidentes, mas, aguardamos a oportunidade para a ocasião propicia, em que justiça será feita a caluniados e caluniadores.

N. R.—Enganam-se todos os que sonham na desaparição do Corporativismo. O facto de este ainda não ter dado na pratica tudo o que os seus defensores têm a certeza que poderá reali-

mado do Espirito e a cega obediencia aos valores morais.

E' o senhor Cardeal Patriarca que o reconhece ao ler sua formosa Mensagem de Paz e que o revela ao Mundo civilizado, com a autoridade da sua missão augustissima e com o prestigio do seu nome.

Fixemos, pois, com justa alegria a comunhão de ideias que aproxima e une hoje o Estado e a Igreja. E vejamos nela um dos melhores motivos para o engrandecimento nacional.

Não é só no dominio dos principios, porem, que o Estado Novo se afirma cristão. Nas realizações económicas

ÉCOS E NOTÍCIAS

Uma entrevista

O «Diário da Manhã» inseriu uma longa entrevista com o sr. Major Monteiro Leite, ilustre Governador Civil de Faro. Seria uma grande surpresa se nós não encontrássemos nessa entrevista o que lá está. Pelo menos, os algarvios, não tem essa surpresa porque o actual Delegado do Governo no Algarve, pela fama de que vinha precedido e pelas atitudes e afirmações que tem tido no desempenho do seu cargo, é aquele nacionalista que, desde o 28 de Maio, passando pelo 7 de Fevereiro, bem tem demonstrado que é nacionalista por convicção. Alem disso, católico praticante e corporativista activo, é bem um digno representante do governo de Salazar na nossa provincia.

Pode ser que nos enganemos, mas temos a impressão que a vinda para o Algarve do sr. Major Monteiro Leite, com o seu hábito de caminhar em linha recta e chamar as coisas pelos seus nomes, veio contribuir para um alargamento de horizontes. Pelo menos já contribuiu para que se começasse a fazer justiça à acção desenvolvida por um seu antecessor, o sr. Capitão Rogério Ferreira, actual Governador de Viana do Castelo. Ainda bem.

Mas, a passagem do sr. Major Monteiro Leite pelo Governo Civil de Faro, mesmo em tão pequeno espaço de tempo, mais coisas já tem conseguido. O tempo irá demonstrando a nossa razão ao afirmarmos isto.

No entanto, apesar de não constituir uma surpresa, não queremos deixar de felicitar o nosso ilustre Governador Civil pelas suas afirmações de nacionalista consciente e convicto, repetimos.

sar, não é motivo suficiente para assim sonharem. O Corporativismo tem de ser uma completa realidade em Portugal, haja o que houver, hoje só ele pode resolver o problema social dentro dum Portugal independente.

Operários transfugas, por maldade ou por inepcia, padrões exploradores, desaparecerão da terra portuguesa mais cedo do que pensam. Nem sempre quem ri primeiro é também o ultimo a rir.

e sociais tem ele aproveitado as doutrinas das proprias Enciclicas, seguindo os autorizados concelhos da «Rerum Novarum» e do «Quadragesimo Ano».

Longe de reduzir o homem a um simples automato, como outros fazem, o Estado Português afirma e defende a personalidade humana, negando-se a entrar no seu fóro intimo e na sua consciencia religiosa de cada um.

Celebremos, portanto, os altos ensinamentos da mensagem do Senhor D. Manuel Gonçalves Cerejeira, louvando no Eminentissimo purpurado a luz immorttal que sempre guiou a gente portuguesa.

A Crónica da Conquista do Algarve

DESCOBERTA EM TAVIRA

e uma fantasiosa afirmação de Ataíde Oliveira

por Mário Lyster Franco

O erudito tavirense Fr. Joaquim de Santo Agostinho de Brito França Galvão, que morreu abade de Lustosa, depois de ter governado, como vigário apostólico, a Diocese de Bragança e que veio a ser considerado mais tarde, sobretudo pelas judiciosas notas de que fez acompanhar a sua tradução de *A voz da Natureza sobre a origem dos governos*, um dos prosélitos da contra-revolução em Portugal (1) foi, em 1789, eleito sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa. Isto se verifica de uma interessante carta sua para o Abade Correia da Serra em que agradece a distinção, carta datada de 21 de Dezembro daquele ano e ha tempo publicada pelo sr. dr. António Baião (2). E logo nessa mesma carta, a primeira a que os seus tratos com a douta Academia haviam de dar lugar, pois que de muitas outras nos dá noticia o ilustre director do Arquivo da Torre do Tombo, aparece referido o valioso achado que dá motivo a este artigo.

Trata-se da preciosa *Coroniqua de como Dom Payo Correa Mestre de Santiago de Castella tomou este reino do Algarve aos mouros* no ano anterior encontrada por Fr. Joaquim nos livros velhos da Câmara da sua terra natal, onde jazia certamente ignorada, pois dela não surgira qualquer referência até então.

Considerada desde logo uma valiosa fonte para a História do Algarve e, principalmente, um dos mais belos especimenes da primitiva prosa portuguesa, sobre ela fez o seu feliz achador uma interessante memória que apresentou à Academia (3). Herculano trasladou-a mais tarde para os seus *Portugaliae Monumenta Historica* e, ainda ha bem poucos anos, o distinto crítico inglês Aubrey F. G. Bell lhe consagrou entusiásticas expressões (4).

A *Coroniqua* é anónima. Nada encontrou Fr. Joaquim de Santo Agostinho que permitisse identificar o seu autor e assim expressamente o declara na noticia de que a acompanha. Como anónima, de resto, ela tem vindo até nossos dias, se bem que Ataíde Oliveira nos surja a certa altura, arvorado em decifrador do anonimato que a envolve.

Sem quebra do respeito que nos merece a memória e a obra, a vários titulos notável, dêste escritor algarvio—e mais de uma vez temos publicamente demonstrado o aprêço que uma e outra nos merecem—vamos analisar-lhe a descoberta.

Folheemos, antes de mais nada a sua *Monografia da Luz de Tavira*, publicada em 1913. A p. 22 encontrámos, nem mais nem menos, do que uma transcrição de Estácio da Veiga. Ataíde anuncia-a com toda a honestidade, dizendo perentoriamente que vai fazê-la para melhor ilucidiação dos seus leitores. Segue-se a transcrição até às primeiras duas linhas de p. 24, com todas as pretensões a rigorosa, os parágrafos cuidadosamente metidos entre comas. E no terceiro, lá se encontra, saida, segundo se depreende de Ataíde, do trabalho consciencioso de Estácio, a resolução do problema. Até aqui tudo está certo pelo menos aparentemente. A *Coroniqua* já tinha autor conhecido. Mais feliz do que Fr. Joaquim, conseguiu descobri-lo o seu conterraneo Estácio. E Ataíde limitava-se a dar maior divulgação a noticia, reproduzindo no seu livro, aparecido em 1913, aquilo que Estácio já trouxera a lume em 1886 e que passara despercebido a muitos escritores.

Mas, extraordinária, extraordinarissima mesmo, é esta divulgação... E' que se formos a obra de Estácio, nada do que nos interessa lá se verifica. A transcrição é feita de p. 105 a 107 do vol. I das *Antiguidades Monumentais do Algarve*. Lá se encontram todos os periodos e parágrafos como Ataíde os reproduz, excepto o que diz respeito à novidade e que foi, incompreensivelmente, adulterado. Onde Estácio escreve: «que se julga escripto anteriormente ao reinado de D. Manuel, na qual o seu anonymo auctor repetidas vezes falla no sitio das Antas», Ataíde Oliveira copia: «que foi escripto por Frei João de S. José, na qual o seu autor, fala repetidas vezes no sitio das Antas». E tudo entre comas, cuidadosamente apresentado, como se fôsse Estácio que o dissesse...

Num artigo publicado na *Provincia do Algarve*, em Junho de 1913, comemorando a tomada da cidade e intitulado mesmo *A Conquista de Tabila*, Ataíde reedita, já então só por sua conta, a mesma afirmação. Novamente Fr. João de S. José nos é apresentado como autor da célebre *Coroniqua*, conclusão a que Ataíde diz ter chegado por uma pretensa semelhança de estilo, pelo facto dêle ter estado durante alguns anos em Tavira e... supomos que por mais nada...

Se tudo isto já estava pouco certo, pois que a famigerada transcrição de Estácio não tem pés nem cabeça, vamos agora ver até que ponto podia aquela asserção ser verdadeira.

Teria sido Fr. João de S. José o autor da *Coroniqua* em questão? Inclínamo nos pela negativa e digamos quais os motivos que nos levam a proceder assim.

Tavira foi feita cidade por D. Manuel, em 16 de Março de 1520. E'

(1)— Fernando Campos, *O Pensamento contra-revolucionário em Portugal (Século XIX)*, Lisboa, 1931.

(2)— In *A Infância da Academia*, Lisboa, 1934, p. 76 e seg.

(3)— *Memoria sobre huma Chronica inédita da Conquista do Algarve*, in *Memorias de Literatura Portuguesa*, T. I, 1792, p. 74 e seg.

(4)— In *A Literatura Portuguesa — (História e crítica)*, Coimbra 1931.

(5)— v. g. Damião Augusto de Brito Vasconcelos, in *Noticias Históricas de Tavira* Lisboa, 1937, p. 26 e seg.

© Teu Amor Impressões duma visita a Marrocos

O teu Amor feito Sonho,
Feito espuma, a desfazer-se
Contra a pedra
Do meu grande coração,
E' uma triste fantasia
De que pensei
Algum dia.

E' um amor que morreu
Num pálido alvorecer;
Se queres vir anda lembrar,
Que recordar é viver...

E nesta vigilia ardente
De formas
E de lembranças,
Eu vejo o Tempo distante
Em que éramos crianças,
E não sentiamos o peso da Vida,
E não nos importava
O seu sabôr!
Então, sim.
Havia Amor!

Depois veio a luta,
E as praxes da sociedade
Apagaram toda a Luz
Da nossa Felicidade...

Hoje, não tenho pena!
Na tua voz insincera,
Vibra o tom da indiferença
A brincar com uma Quimera...

Um Desejo insatisfeito
Irmão da Saudade imensa...

Faro, Dezembro, 1938.

Victor Castella

PELA IMPRENSA

O Contribuinte—Entrou no IX ano de publicação este prezado camarada, defensor e guia dos contribuintes é director o sr. Alberto Carrapatoso a quem apresentamos as nossas felicitações.

Jornal de Lagos—Completo 12 anos de publicidade este nosso prezado colega que se publica em Lagos sob a direcção do sr. Jaques de Oliveira Neves.

Por este motivo endereçamos-lhes as nossas sinceras felicitações.

notícia comum a vários autores (6). Na *Coroniqua* ela é sempre referida como vila, facto que, até certo ponto, pode demonstrar ter sido escrita anteriormente aquela data.

Este elemento determinativo da sua antiguidade, não passou em claro a Fr. Joaquim de Santo Agostinho, nem mesmo a Estácio da Veiga que dela diz, na tal passagem deturpada, julgar se ter sido escrita anteriormente ao reinado de D. Manuel. Temos portanto, e em boa hipótese, a *Coroniqua* escrita antes de 1520.

Ora o Fr. João de S. José em que Ataíde a encabeça e que é o autor da curiosa *Chorographia do Reyno do Algarve* que se conserva inédita na Biblioteca Nacional de Lisboa, foi um religioso eremita de Santo Agostinho, que, segundo as suas próprias informações, por mandado da sua Ordem, passou em 1568 à cidade de Tavira, a fim de assistir à fundação do Convento da Nossa Senhora da Graça, iniciada no ano seguinte. Nasido na vila de Tentugal em data não averiguada, professou a 3 de Abril de 1544, veio para Tavira, como já vimos, em 1568 e nesta cidade faleceu em 1580, segundo vários autores nos asseveram (6).

Se já é difícil atribuir a um escritor que professou em 1544 e faleceu em 1580, uma obra que devia ter sido escrita antes de 1520, por que para isso seria necessário tê-la produzido muito novo, ter professado muito tarde e ter vivido mais do que é vulgar, ainda menos crível nos parece que Fr. João de S. José, tendo vindo para o Algarve em 1568, já perto de 50 anos antes se preocupasse tanto com as coisas algarvias que da conquista dêste reino se tivesse entretido a fazer crónica. Foi esta, como já vimos, copiada nos livros camarários de Tavira. E o que é natural e lógico é que só o tivesse sido depois do seu autor para lá ter ido. A ser assim, por que não emendou ele aquilo que já então não estava certo, como era o de considerar ainda vila uma terra que já era cidade, em que se encontrava estabelecido e cujos livros oficiais estava utilizando? Continuou a chamar-lhe vila e não encontrou ninguém de suficiente e justificado espírito baírrista que por tal lhe fôsse à mão? Acresce que da *Coroniqua* se depreende ter sido escrita por quem ao tempo residia em Tavira, coisa que com Fr. João não consta se tivesse dado.

Facil nos parece concluir de tudo isto que, salvo mais bem fundamentada opinião, não assenta em seguras bases a decantada notícia de Ataíde.

Se outras razões não encontrou, o que fica de pé é só o estilo. Ora pelo que conhecemos da *Chorographia*, inclinamo-nos também pela negativa. Não, que a prosa da *Coroniqua* tem garral E dela muito justamente diz o já referido crítico inglês ser uma «pintura viva e rápida, que parece quasi um capítulo de Fernão Lopes. Ai ao menos trabalhou alguém com o desejo e o poder de fazer reviver os mortos.» (7).

(6) — v. g. Diogo Barbosa Machado, in *Bibliotheca Lusitana*, T. II, 1747, p. 675.

(7) — Aubrey F. G. Bell, ob. cit., p. 67.

IV

Os antigos domínios portugueses no norte de Africa

A Africa do Norte não se pode considerar propriamente um país africano, porque o deserto a separa do continente negro. Marrocos parece o prolongamento do sul da Península; muitos dos seus aspectos dão-nos a ideia dos planaltos da Castela, que atravessamos em viagem para França. Por haver ainda numerosas pessoas que tomam Marrocos para padrão de desconforto e desordem, quando observam qualquer episódio desolador, achámos por isso da maior conveniência aconselhar os portugueses, que se propõem viajar, a que façam esta excursão ao Norte de Africa, onde têm muito que aprender, na organização do turismo, nas obras de assistência social e em civilização, sobretudo na zona do protectorado francês.

Na excursão iniciada no nosso primeiro artigo, tínhamos chegado a Arbaoua, onde a alfandega e a policia nos faz deter cerca de meia hora, para darmos cumprimento às formalidades habituais da visita à bagagem e do visto nos passaportes. Realiza-se depois um percurso de 110 kms., até se atravessar a cidade de Port-Lyautey que nos dizem ter uma população de 20.000 habitantes, dos quais apenas uma quinta parte é de europeus. Esta cidade foi conhecida até 1932 por Kenitra e ainda hoje os árabes não se habituaram ao seu novo nome, embora adorem o nome do reorganizador de Marrocos, como vimos na homenagem que lhe prestaram por ocasião da trasladação dos restos mortais do insigne marechal para Rabat. A origem dêste nome é de El Konitra, pequeno pôrto, construído pelos portugueses a pequena distância da foz do rio Sebou. Port-Lyautey e o seu pôrto, situado a 17 kms. da foz do Sebou, tomaram em pouco tempo um desenvolvimento notável, havendo quem o compare ao Far-West americano. O rio Sebou apresenta junto do pôrto, a largura de 250 metros e a profundidade de 4 metros, por ocasião da baixa mar. Quem vai visitar Marrocos, em regra, não pode perder tempo no estudo de localidades de menor importância, e por isso não vale a pena visitar esta cidade, que é observada apenas de passagem na travessia ali feita no auto.

Mais um percurso de 34 kms. e passamos em Salé, antiga cidade, rival de Rabat e situada em frente desta na margem direita do rio Bon Regreg, junto à foz. No trajecto ao longo da estrada encontram-se algumas caravanas de árabes, acompanhando burros, animais muito empregados, no transporte de cargas. A paisagem é-nos familiar nas extensas planícies cultivadas de vinhas, cereais e com poucas árvores. Serviu Salé de base de operações nas lutas sustentadas pelos mouros nas suas investidas contra os portugueses e espanhóis. Esta cidade, apesar de ter a população de 20.000 habitantes, é pouco animada, passando quasi desapercibida a sua travessia. Foi notável o seu esplendor na idade média, quando o seu pôrto era o mais importante da costa oeste marroquina. Em 1507 D. João II, com o fim dos portugueses completarem a ocupação da costa de Marrocos, fez reconhecer a zona dos portos de Azamor, Salé e Larache, sendo este último abandonado, após o insucesso da ocupação do forte da Graciosa.

J. Corrêa dos Santos

Vende-se

Uma máquina de lavar roupa em bom estado.
Nesta redacção se diz.

Assine o "Povo Algarvio"

Asilo "Esperança Freire"

Relação das pessoas que contribuíram com donativos em géneros para o Asilo «Esperança Freire», em Tavira, durante o ano de 1938.

Ex.^{mas} Sr.^{as} D. Adelina Neto Pereira, D. Maria Marta Corvo Pires, D. Josefina Pimentel Guerreiro, D. Adelaide Sande e Lemos, D. Amélia das Dores Costa Pires, D. Isabel Cumbreira Correia Ribeiro, D. Maria Aboim Palermo, D. Maria Luisa de Quadros Amado da Cunha Cavaco, D. Maria Laura de Oliveira Chagas, D. Maria do Carmo Mansinho, D. Ester Ribeiro Pessoa de Pádua Cruz, D. Ester Pacheco, D. Mariana Mendonça, D. Elvira Falcão Padinha, D. Lúcia Corvo, D. Maria Carlota dos Santos, D. Maria da Conceição Peres Mil-Homens, D. Beatriz Marques Freire, D. Felicidade Piloto Aboim, D. Ilda Cansado Teixeira de Azevedo, D. Leopoldina Amélia Padinha, D. Adelina Pacheco, D. Irene Dulce Rôlo, D. Maria Tereza de Pádua Cruz, D. Maria Antónia Bentes de Andrade e D. Leopoldina Amélia Padinha; os srs. Isidoro Manuel Pires, José Vaz de Mascarenhas, José Francisco Nolasco, Tenente-Coronel Jaime Cansado, Luiz Rocha da Trindade, José António Mil-Homens, Cunha & Dias, Lda., Sousa Rosa & Vicente, Lda., José Maria dos Santos, Dr. Jaime Bento da Silva; a Comissão Organizadora do Mastro de «S. João» no largo das Portas do Postigo, a Direcção da Ordem de N. S. do Carmo, a Confraria do S. S. da Freguesia de S. Tiago, o Grémio Tavirense, a Companhia de Pescarias do Algarve e a Companhia de Pescarias Barril.

Leite de vaca

Puro vende-se na Horta das Canas—TAVIRA.

Colaboração

O nosso jornal honra-se hoje com um novo colaborador, o sr. Dr. Mario Lyster Franco, algarvio ilustre e jornalista insigne, que às lides de imprensa tem dado o melhor do seu esforço.

Alegremo-nos com a vinda de mais este brilhante camarada nacionalista que nos traz, a confirmar os seus largos créditos, logo de entrada, um belo artigo sobre um palpitante assunto que tanto interessa a historiografia nacional e algarvia.

Nas colunas do «Povo Algarvio» são sempre bem recebidos os nacionalistas que, como Mário Lyster Franco, tem alguma coisa a dizer para o maior lusimento dos nossos ideais. Bem hajam, todos os que nos coadjuvam nesta luta ingente contra as doutrinas interacionalistas e anti-católicas nesta pequena mas firme trincheira nacionalista.

Tardio arrependimento

Como é sabido, as autoridades soviéticas nunca morreram de amores pelos intelectuais. Pelo contrário, aproveitaram sempre todas as oportunidades para os apodarem de traidores e inimigos do povo.

Parece, agora, que estão arrependidas com essa atitude. E' mais um erro que reconhecem, embora tardiamente. Por este andar, só lhes falta afirmar que toda a sua doutrina é um erro e um crime, somatório de falsidades e monstruosidades. O pior é que sempre custa a dar a mão à palmatória...

Neste caso dos intelectuais, a «Pravda» manifesta-se bem claramente:

«Mais dum milhão de indivíduos, que estudaram e obtiveram os seus diplomas de médicos, engenheiros, agrónomos, etc., são considerados pelo povo como inimigos, embora dediquem a vida ao bem do próprio povo.

Há aí um lamentável equívoco contra o qual é preciso lutar com toda a energia possível»

Que esperava, porém, a «Pravda», com ela, todos os outros jornais que iniciaram agora esta campanha de «reabilitação»? Embora esses intelectuais sejam, na sua grande maioria, filhos do povo e não recaia sobre eles a sombra da suspeita, a verdade é que os comunistas os consideram como inimigos.

Não deixam de ter razão na sua ingenuidade. E' que para eles o comunismo só poderá andar de braço dado com a ignorância. Os homens superiores não-de por força reconhecer as misérias e as baixezas de que é feito.

Não se queixem os dirigentes comunistas. Abriam os odres de Eolo, condenando os intelectuais. Por que se admiram então que o vento originasse a tempestade?

MUSICA

Do sr. Tenente Antonio Candido Ferreira, recebemos a oferta duma canção-tango, da sua autoria, intitulada «Amor a quanto obrigas». Em breve a ouviremos executada pela nossa Banda Municipal, no Jardim Publico e então os amadores de musica melhor a apreciarão do que apenas pelas nossas referencias.

Agradecemos a gentileza da oferta.

Necrologia

Faleceu no dia 19 do corrente nesta cidade o menino Jorge Miguel Soares, de 8 dias de idade, filho do nosso presado assinante sr. Olivio Pires Soares e de sua esposa D. Tereza de Jesus Madeira Miguel Soares, a quem por este motivo enviamos condolencias.

Este número foi visado pela Delegação de Censura.

Falência do comunismo

Os últimos acontecimentos europeus—e referimo-nos, evidentemente, aos que desde há meses veem modificando o ritmo da vida internacional—vieram demonstrar de forma definitiva que a razão tem estado sempre ao lado dos que proclamavam a falência do comunismo e com êle das doutrinas que o tornaram possível: a Democracia demo-liberalista, o proprio liberalismo político, o individualismo filosófico, os mitos da Liberdade e da Igualdade entre os homens.

Durante muitos anos a Europa viveu prês a um certo número de ideias feitas, ideias, ideias sem consistência nem razão-de-ser, assentes as mais das vezes em principios errados. Todos se recordam ainda da quimera do povo soberano a quimera que ateou muitos incêndios e provocou muitas desordens, guerras, conflitos. Mais tarde, e na esteira da grande mentira revolucionária de 89, o grito bolchevista erguer-se-ia da Rússia e tomara o caminho do ocidente. Este, porém, viu o perigo e defendeu-se a tempo.

As ditaduras foram em todo mundo, e são-no ainda, consequências lógicas do comunismo aniquilador das mais sãs virtudes nacionais. Ao ocidente europeu não pode convir uma doutrina de tendência marcadamente eslava, contrária à sua psicologia e à sua sensibilidade. Hitler, Mussolini, Salazar, Mustafá-Kemal, foram os homens que representaram na Europa a justa reacção contra a invasão das doutrinas moscovitas. Todo o mundo o sabe—e lhes agradece.

Mas Deus da Sua infinita misericórdia quiz que o Comunismo assistisse à sua própria falência. 1938 deu-nos sob este aspecto exemplos definitivos.

A crise de Setembro marca na Europa o fim duma política de transigencia com o mito do povo soberano: países que viviam em Democracia, como a França, tiveram de reconhecer como se haviam enganado no sistema politico escolhido e, como soe dizer-se, «dar a mão à palmatória». As medidas de Deladier mostraram ao mundo que a França sabe reagir sempre que necessária se torna uma reacção, para o bem comum.

Já da Inglaterra partira antes e pela autorizada voz de Chamberlain a condenação pura e simples. A França, a sua fiel aliada, nada mais faz do que cumprir o seu dever de grande nação latina.

Pode considerar-se um facto a falência do Comunismo em todo o mundo. Depois da crise de Setembro, a greve geral falhada em França mostra de forma clara que o país e o seu Governo reagem contra doutrinas subversivas por todos os meios ao seu alcance—e pode considerar-se golpe mortal ao marxismo europeu e asiático cuja agonia na verdade já está iniciada.

CASA

Aluga-se 1.º andar com 6 compartimentos, quintal, poço e 2 casas para arrecadação na Travessa da Caridade n.º 16.

Trata-se com José Francisco da Graça, em Tavira.

Drogaria Tavirense

DE
SOUSA ROSA & VICENTE, L.^{DA}

DROGAS e PRODUTOS QUÍMICOS
Alcatrão, Pés louro, Qual-Tar, Sulfato de cobre e enxôfres
OLEOS, TINTAS, VERNISES e SECANTES

FERRAGENS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS
FERRAMENTAS

ARTIGOS de BORRACHA
Tubos para irrigador, sacos para gelo e agua quente

AGUAS MINERO-MEDICINAIS
Vidago, Melgaço, Pedras Salgadas, Castelo e outras

Perfumaria

Completo sortido das acreditadas marcas
NALY BENAMOR, SANTA CLARA, HARLESSE, TOKALON etc. etc.

Rua José Pires Padinha
TAVIRA

Bernardino M. Mateus

GENEROS ALIMENTICIOS DE 1.^a QUALIDADE

PERFUMARIAS, LOUÇAS, VIDROS
E ARTIGOS DE NOVIDADE

R. Alexandre Herculano, 2 e 4 -:- R. da Liberdade, 1 e 5

TAVIRA

A COMPETIDORA

DE

José Augusto Neves

28, Praça da República, 29

TAVIRA

Tem sempre ótimos artigos de Lani-
fícios e Algodões aos melhores preços.

SERVIR BEM É O SEU CAMINHO!

Nesta época festiva recomenda-se a
V. Ex.^{as} uma visita ao estabelecimento.

Paulino & Graça, L.^{da}

RUA JOSÉ PIRES PADINHA

TELEFONE N.º 41

TAVIRA

Os melhores
Artigos de Mercearia
Excelentes
Chás e Cafés
Puro
Azelte do Alentejo
Lindas
Louças
Finos
Vidros
Bons
Talheres
Duráveis
Esmaltes e Ferros de engomar
Gostosa
Confetaria
Saborosos
Licores e Vinhos do Porto
Chique
Papel de Cartas
Variados
Brinquedos
Escolhida
Perfumaria das marcas—NALY,
BENAMOR, SANTA CLARA, TAI-
PAS, etc...
Sabonetes—Loções—Rouges
Batons—Pós de Arroz
Pastas Dentífricas
Cremes Dentífricos, etc...
Apreciáveis
Descontos aos Revendedores
Módicos
Preços

**Recordar
é viver**

Bento (alfaiate)

Ex-Oficial da casa João Car-
valho (Espanhol), ao Chiado,
«Ultimo Figurino», Lisboa

Confecções de fatos para se-
nhoras pelos ultimos figurinos

Tendo como gerente técnica

M.^{me} Guilhermina Bento

Rua Roque Féria, 20

ou no próprio

Joaquim do Carmo Bento

TAVIRA

Sebastião do Nascimento Gonçalves

(Antigo empregado da
Casa José Viegas Mansinho)

RELOJOEIRO

Junto ao Mercado Municipal

R. José Pires Padinha

TAVIRA

Concertos, reparações e
limpeza de: Relógios, Ou-
ro, Prata, Joias, Grafo-
nolas, etc., etc.

Pelos preços mais módicos

Quereis fazer bons negócios?

Anúncial no semanário regionalista

“Povo Algarvio”

Cunha & Dias, L.^{da}

8-RUA DA LIBERDADE-10

TAVIRA

Agencia da Tabaqueira
e da Fosfoeira Portuguesa
Venda de tabaco e fosforos
aos melhores preços

Condições especiais
para revendedores.

Vende-se

Uma casa no alto de S.
Braz com armazem grande no
rez de chão, quintal, palhei-
ros, seis divisões no 1.^o andar
e armazem anexo.

Nesta redacção se informa.

Só no LONDRES SALÃO



e na alfaiataria de V. Lopes encontrarão o **Desportex**

E' o tecido ideal para todos os fins.

Pela sua construção e pela sua enormidade de desenhos e colo-
ridos, como V. Ex.^a pode facilmente examinar pelas suas famosas
coleções, tem vantagens sobre qualquer outro tecido para a vi-
da de VIAGEM, CAMPO e DESPORTO.

A COMERCIAL de J. Carmo, Limitada

TAVIRA

Oferece a V. Ex.^a um brinde desde que consiga
reunir 10 talões até 31-12-1938

COMPRA DE 20\$00

GABARDINES grande sortido a Esc. 300\$00

A T E N Ç Ã O

Recomendar esta casa, é prestar um grande
favor a todos os vossos amigos e pessoas
das vossas relações.

Assinai o “Povo Algarvio”

Estabelecimento de Fazendas
de Manuel Pedro Cabrita Junior
(JUNTO AO MERCADO MUNICIPAL)

Grande sortido de panos crus e abretanhados,
riscados e cotins.

Stok de lindas sombrinhas de seda e algodão.

Admiráveis coleções de camisas, gravatas, peú-
gas e cintos para homem.

Grande novidade em fazendas para vestidos
e casacos de senhoras próprios para a estação de Inverno.

Vendas a prestações com bónus

A Casa que mais barato vende